

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLÍTICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR



ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	\$600 "
Para o Brazil, por anno	2\$000 "
Para a Africa, por anno	1\$200 "
Numero avulso	30 "

Anunciam-se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Manuel Luiz.

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originacs sejam ou não publicados não se restituem.
Annuncios permanentes e communicados
preço convencionado.

PRO DEO ET PRO PATRIA

A LEGENDA

A legenda que encerra a nossa primeira pagina é a divisa historica d'esta terra agora toda cantante de alegrias, engalanada de arcos e plantas e balsamizada de rosmarinho e louro. E é ella, tambem, para nós, vindouros das extinctas gerações crentes e patrioticas, a invocação nitente e vibrante das tantas religiões e das tantas conquistas que fizeram do nomado primitivo o civilisado contemporaneo e d'um recanto do Occidente a perola do mundo exactamente na cuspide da sua civilisação. E fazendo-nos recuar até ao seio tumultuario da historia dos tempos disseminados na poeira do passado, ella colloca-nos muito naturalmente, á vibração das suas duas primeiras palavras—*pro Deo*—no berço religioso da humanidade, porquanto, o seu fecho de abobada—*pro patria*—estrutura do systema social, fica muito aquem por isso que as sociedades partem das religiões e caminham para a irreligião.

A característica primeira da intelligencia creadora do homem encontra-se á evidencia esquisada e esculpida na consubstanciação de todas as suas forças espirituas resolvidas em symbolos aperfeçoados evolutivamente até á abstracta generalisação da metaphysica. E a metaphysica, dil-o muito judiciosamente Guyard, é oriunda da necessidade fatal do homem em explicar os phenomenos cujas causas e efeitos desconhece. E sendo a metaphysica o elo das religiões cimentadas sob o receio d'uma força superior presente mas inexplicada e consequentemente creadas em e para adoração d'essa mesma força, necessariamente, ella deveria fechar em si até á deducção philosophica dos tempos medievos toda a cerebração e toda a alma do seu creador.

A abysmatica e a alcandorada transcendencia (salvo o paradoxo) dos phenomenos que á ignorancia do homem primitivo se condensavam tornando-lhe ainda mais opaca a nevoa da ignofancia, haviam de necessariamente obrigar-o a um estado de consciencia, embora irrisorio e incomprehensivel; seculos depois, quando esbatido na depurada analyse dos laboratorios e reconstituido e seleccionado á luz investigadora da lampada dos galvantes.

E forçosamente esse estado de consciencia germinado na extranheza dos phenomenos e creado consequentemente para a sua adoração, devia incarnar em si, dada a embryonaria actividade das faculdades intelligentes e sympathicas do homem invalidando-o de determinar as causas, unica exclusivamente os efeitos, os quaes se representavam pelos symbolos que a propria natureza previamente creara e evoltira em apañagio das suas maravilhosas e originaes qualidades de sabio e de artista.

D'ahi e pela progressão lenta e natural se foram erguendo fetches divindades, denses e por consequencia a fecundação e o desabrochar do espirito das religiões até que pela transição da anthitese para a synthese resultante da synthese indestructivel da natureza formando um só corpo e por tanto uma só força, uma só força creadora e determinante d'aquella era necessario crear por isso que tendo imprescindivelmente de existir, não se encontrava. E uma vez creada essa representação ou essa invocação, estava achado para bastantes seculos embora variando e aperfeçoando-se segundo as raças: o espirito, a força ou a divindade auctora de tudo e por consequencia credora de todos os esforços, de todos os sentimentos, de toda a causa e de todos os efeitos.

E alfim achada essa primeira concepção geral do mundo estava acordada tambem no homem a primeira qualidade affectiva e successivamente o primeiro atomo das sociedades.

De todas as variantes porque primitivamente passou o espirito religioso, só uma conseguiu fixar-se perduravelmente através dos seculos e vir até nós, sempre nova, sempre admirada, sempre bella, é o christianismo.

Partindo como todas as outras d'um mesmo principio, conseguiu to-

davia rasgar outros caminhos, firmar fins differentes. E é n'esta alliança magnifica dos principios decalcados nas primitivas manifestações da intelligencia creadora do homem desenhada na palavra Deus com a intuição genial da orientação philosophica das sociedades d'hoje, gravada no Amor, que ella nasceu, desabrochou, cresceu e irradiou por toda a parte do mundo donde as diversas raças que não cabem aqui, não a desviaram e por todos os tempos até aos nossos dias.

O christianismo trouxe o catholicismo ou o christianismo decorativo.

Todos nós conhecemos a níl e uma luctas a que deu azo o christianismo e os motivos que as determinaram como tambem é demasiado conhecido para que nos demoremos n'este ponto, o antagonismo definido seculo a seculo e inconsciente ou prepositadamente entre a causa e o effeito.

O que é certo é que o christianismo e o catholicismo vivem e levantam-se ainda frondosamente, ambos na alma do povo e só o primeiro na consciencia dos que estudam e raciocinam.

E vivem ambos na alma do povo, porque ainda hoje a intelligencia d'elle embora mais lucida que a dos povos primitivos não é sufficiente para desthronar o sentimento posto e invetrado dentro de si por tantos e tantos seculos de creança e de adoração e medir as distancias que separam um do outro, por isso que, como adiante diziamos, na creação da primeira vergonteia do espirito religioso o homem unificara n'ella toda a sua cerebração e toda a sua alma, tanto que, quasi até vespéra de nossos dias, era o espirito religioso o guia dos povos a dentro do lar, nos campos da batalha, nas conquistas e nas descobertas de que é um exemplo vivo e brilhante a patria de Gama, de Albuquerque e de Camões. E se ha duvida a este respeito percorra-se as nossas terras e veja-se como ellas quasi todas regorjitam de templos e a que elles alludem. E até sem descer ao estado contemplativo caracterisado na erecção de templos bastam-nos as legendas como por exemplo esta, *pro Deo et pro patria* que nos serve de bandeira.

E mórmente em nós todas as manifestações e expansões da vida tomaram um caracter religioso percorrendo todos os logares e todas as camadas sociaes desde o chic convencional das cidades até á nota emotiva dos canticos populares das aldeias, do homem do estado ao trabalhador rural.

Depois da subdivisação dos povos e da solidificação dos estados o povo transformou os templos até então oraculos de acções em fontes inspiradoras de sentimentos, phase que se tem prolongado até hoje.

De maneira que, onde se encontra a nota predominante da vida affectiva do povo? Indubitavelmente no espirito religioso. Quereis a prova? Pois ahí a tendes expressa indelevelmente no cantico unisono e vibrante que ha dias vem saindo dos labios de toda essa gente em todas as casas e em todas as bolseiras d'esta terra. E como tudo se justifica, tambem se justifica a explosão n'um dado momento das materias em ebulição por largo tempo. Assim a explosão do enthusiasmo festivo d'esta terra na hora presente resulta de ser chegado o momento d'uma nova conquista sua. E em que campo de actividade se firma essa conquista? No campo religioso. E encontramol-a aonde?

A meio da villa, revestida das suas novas galas, vibrante de hossanas, engrinaldada de ornamentos, rejuvenescida na brancura das suas pedras substituidas e trabalhadas, louça e ativa no oiro filigranado dos seus altares, na artistica simplicidade architetonica da sua torre, na leveza modesta, e um tanto ingenua do seu portico renascença.

E' o vasto santuario das orações e das creanças religiosas d'este povo, hoje restaurado e finalmente aberto á mystica contemplação e ao acrisolado fervor religioso.

A FESTA

APPARECIDA a coincidência do acabamento dos trabalhos da re-
tauração da igreja matriz no mez commemorativo do thau-
maturgo Santo Antonio e do fasceta S. João e do apóstolo São Pedro, nomes e indivi-
dualidades a que andam ligados o espirito da fé e a phantasia da lenda,
não havia que perder o ensejo de mais colorir e aquecer estas commemo-
rações reabrindo-lhes as portas do templo de que os dois ultimos foram
como que a pedra angular e o primeiro um dos seus sustentaculos mais
celebres e varonis.

Eis como quatro consagrações distinctas se fundiram n'uma unica e
se confundiram nos hymnos d'uma só festa, soerguendo por alguns dias do
trabalho e da apathia para o repouso do corpo e para o prazer do espiri-
to, toda uma povoação.

E desde o dia inicial dos festejos nem uma só rua deixou de atape-
tar-se de rosmaninho, nem por uma só hora deixou de estralejar no ar o ale-
gre estalido dos foguetes, nem por um só momento desapareceram das
encruzilhadas das ruas os arcos tradicionaes, nem uma só casa deixou de
estar em festa, nem uma só bocca de rapariga deixou de cantar promessas
e lembranças dos santos da lenda, os saltos casamenteiros.

Com Santo Antonio se amanheceu para os descantes e para as no-
venas, com São Pedro se amortalha na memoria e na saudade, as ondas
da musica solemne e os versos das trovas populares, os conselhos dos
pregadores e o entusiasmo dos folguedos e das danças, as imagens dos
andores e as chuvas luminosas e feéricas dos fogos de artificio.

Foi pois com o dia commemorativo do mystico immortal e pregador
sentimentalista e popular, que se abriu o programma dos festejos annun-
ciados.

**Nas Bairradas.—Festa a Santo Antonio.
Fogo d'artificio, iluminação, arraial,
missa cantada, procissão e romaria**

Na noite de 18, como estava annunciado no programma geral dos
festejos em Figueiró dos Vinhos, realisou-se na capella das Bairradas o
introito das festividades religiosas e civis dedicadas pelos homens aos al-
tares e pelos corações das moças solteiras á memoria de Santo Antonio,
que tiveram no dia immediato todo o seu lusimento e toda a sua expan-
sibilidade.

Na modesta mas caracteristica capella onde se venera a imagem do
santo milagreiro, está tudo a postos para a solemnidade do dia. O pulpito
e os altares vestem as suas roupas de gala. O andor florido e gracioso
sustenta a pequenina imagem cujo olhar velado e linha despretençiosa in-
voca facilmente o simples pregador dos peixes e o lendario protector dos
corações amorosos. A porta da capella está vestida n'um arco de louro,
dando-lhe uma expressão absolutamente pastoril.

Lá dentro, ajoelham resando algumas mulheres, umas que esperam
os noivos que foram para o Brazil ou para soldados, outras que supplicam
o milagre da cura dos maridos.

Cá fóra o movimento e a quantidade de gente cresce successivamen-
te. Começa já de ouvir-se alguns ranchos cantando e já tambem se vão
agrupando homens, mulheres, para as tradicionaes danças de roda.

Fronteiro á capella, um kiosque composto d'uma mesa de pinho tos-
co e roido, sob uma empena de lona sustentada por quatro troncos de pi-
nheiro e illuminado pela classica torcida d'uma candeia de folha, vende
vinho e agua com limão. As locandas regorgitam de gente. O vinho des-
apparece, as cabeças animam-se, começam as danças e os cantos partindo
de diversos ranchos confundem-se n'uma só voz. A paisagem que serve
de fundo a todo este scenario, conserva-se muda e negra sob a treva da
noite que parece invernososa. Só de vez em quando, alguém que vem d'al-
gum casal d'aquelle lugar tomar parte nas festas, rasga com a luz da lan-
terna que traz para lhe abrir o caminho escuro, a treva que envolve por
completo toda a immensidão dos horizontes que a luz do dia ou o luar
das noites estrelladas descortina e embelleza.

No certo toma lugar a Philharmonica Figueiroense sob a cuidada e
intelligente direcção do seu mestre o sr. Cruz, executando durante o fogo
admiraveis e escolhidos trechos de musica applicados ao character da festa
pelo cunho popular que todas elles apresentavam.

O fogo d'artificio, obra do conhecido pyrotechnico David, da Certã,
teve peças de effeito surprehendente como por exemplo o balão, as chuvas
luminosas, e o arco encimado pela imagem do santo.

Os descantes, as danças, a musica, a iluminação a bulões venezia-
nos e o fogo davam um conjuncto extranho e pitoresco.

Passava de uma hora da noite quando o fogo explodiu o seu ultimo
morteiro e o arraial terminou, dispersando tudo para voltar no outro dia
ao complemento das festas o que teve lugar, havendo missa cantada, pro-
cissão e romaria.

A' saída da procissão subiu ao pulpito orando proficientemente o re-
verendo P.^o José Domingos Rosa e Campos, de Campello.

**Benção e inauguração da igreja matriz.—
Missa cantada—Procissão do Santissimo,
Te Deum e novena.—Outros festejos.**

Depois de cinco annos de trabalhos continuos e de desbravadas co-
rajosamente as mil difficuldades que dia a dia se antolhavam ante os ex-
forços e a boa vontade da commissão, concluíram-se e muito honrosamen-
te as obras da nossa igreja matriz. E agora podemos-nos orgulhar de que
muito poucas igrejas como a nossa haverá que engrandecem terras d'esta

ordem. Assim o attesta a grandeza do templo pelas columnas graniticas
das suas naves, pelo numero e qualidade das telas allegoricas aos diver-
sos passos da vida do apóstolo cuja cabeça foi alphanjada a rogos e sob
a concha d'ouro da perfida Salomé, pela talha dourada e rebrilhante e ar-
tisticamente trabalhada do seu altar-mór que é todo elle desde o frontal
ao corucheo do throno uma obra prima, pelo monumento esculptural e
architetónico da capella onde se pára pavidos de respeito e admiração ante
a obra magnifica a que deixaram voluntariamente presos os seus nomes
dois dos nossos mais afamados artistas contemporaneos,—Simões d'Al-
meida e Malhoa,—na concepção e na execução d'essa extraordinaria ima-
gem de Christo que é exactamente elle quando enroscado e comprimido
no tragico madeiro do monte das oliveiras, cuja memoria, só, é um mun-
do de soffrimentos, de ideaes e de perdão. Enfim, templo vasto como
poucos, e como raros artistico e grandioso no seu estylo confuso e com-
posito e na sua simplicidade agradável e coherente.

No dia 21 pelas 11 horas da manhã procedeu á benção o reverendo
e respeitavel prior d'esta freguezia, o senhor P.^o Diogo Baeta de Vascon-
cellos acolytado pelos senhores P.^{es} Rosa, Mattos, Santos e Lacerda.

Após a benção vestiram-se os altares e accenderam-se os lumes e os
magnificos tocheiros de madeira pintada a negro e annelados de ouro, co-
meçando em seguida a missa cantada a grande instrumental, depois de
abertas ao publico as portas da igreja que em grande massa a encheu ins-
taneamente e por completo, subindo então ao ar successivas girandolas
de foguetes.

De tarde saiu processionalmente da igreja do convento para a igre-
ja inaugurada, o Santissimo levado sob o pallio pelo reverendo prior e
acompanhado da respectiva irmandade bem como da Philharmonica Figuei-
roense que executou durante o tracto algumas marchas bem escolhidas.
No lugar de honra seguiam as auctoridades administrativas e judiciaes, e
em seguida as pessoas de maior representação e muito povo.

Recolhida a procissão houve *Te Deum*. E á noite cantou-se já na
nova igreja a novena a S. João que havia começado na igreja do convento.

Annunciadas com bastante antecedencia as festas, correram de fóra
muita gente para assistir a ellas. Das villas e logares circumvisinhos e até
de Coimbra vieram muitos cavalheiros e senhoras. E todos os particulares
e logistas de Figueiró se empenharam para o bom luzimento dos festejos
e para tornar agradável a hospitalidade.

Suspenderam-se d'algumas janellas vistosas colgaduras e deram-se
ao vento variegadas bandeiras, cobriram-se as ruas de rosmaninho, levan-
taram-se arcos, mastros enleados de arbusto e pintados a côres susten-
tando cordas de feno em alas no comprimento das ruas, illuminaram-se
vistosamente a bicos de acetylene e a balões venezianos, os estabeleci-
mentos, os predios e os largos mais concorridos.

No mesmo dia da inauguração da igreja, a direcção do club inau-
gurou tambem uma

Kermesse

cuja barraca deliniada com gosto e com arte pelo lapis experimentado e es-
tudioso do sympathico chefe da secção de obras publicas em Figueiró, o
sr. Lagôa, e executada sob a sua direcção, frisava uma nota original e cha-
mava para ella a attenção de todos. Pena foi que a cobrissem, talvez mau
grado seu, com colmo, por quanto a orientação das linhas projectadas não
condiziam com o tosco e o improprio da cobertura.

Vendiam os bilhetes dando uma nota alegre e attraente distinctas e
formosas senhoras.

Para fechar com chave d'ouro aquelle dia, depois da kermesse houve

Baile

no club dançando-se até tarde e vendo-se alli reunidas todas as pessoas
gradas da terra bem como os cavalheiros e damas que haviam chegado pa-
ra os festejos.

**Festa a S. João Baptista
e Santissimo**

Na noite de S. João queimou-se vistoso fogo d'artificio produzindo ef-
feitos deslumbrantes e deixando completamente satisfeitos todos que tive-
rem a felicidade de a elle assistir.

Ao lado da igreja levantava-se um coreto caprichosamente ornamenta-
do onde tocou até quasi manhã que foi até quando durou o fogo, a *Philhar-
monica Figueiroense*. O arraial esteve animado e concorrido o mais possi-
vel. As ruas estavam coalhadas de gente de todas as classes e as janellas
do tribunal perfeitamente tomadas por senhoras.

No dia 24, depois da missa cantada, houve communhão a 120 crean-
ças, na igreja matriz, festa que correu com toda a graça que lhe é natural
e com toda a ordem que é necessario. As creanças com os seus vestidos,
com os seus veus e as suas corôas de innocencia alegravam a monotonia do
povo que enchia a igreja causada pelo negro dos charles e pelo escuro do
burel e do cotim.

De tarde e pelas 4 horas saiu a procissão tendo antes subido ao pulpi-
to o dr. Eduardo Pereira da Silva Correia, de Castanheira de Pera.

Sua Excellencia que quasi á ultima hora fora encarregado da espinhosa
missão de vir inaugurar o pulpito da igreja restaurada, provou mais uma-
vez os primores da sua palavra fluente e correcta e as qualidades superio-
res da sua intelligencia. O seu discurso que abrangeu quasi uma hora, to-
cou, embora por vezes de leve como nem podia deixar de ser, em todos
os pontos que se tornava mister.

Em seguida saiu a procissão com o pequenino andor da imagem mi-
croscopica e interessante de S. João. Acompanhava a procissão além das
auctoridades e muito povo, a *Philharmonica Figueiroense* que finneterrupta-
mente tocava uma marcha grave d'um effeito adoravel.

Depois de recolhida a procissão, abriu-se novamente a kermesse con-
correndo immensa gente. Depois das dez horas danoite começou o baile
no club, dançando-se animadamente até depois da uma hora.

E assim terminou a parte mais festiva e importante do programma annunciado, tendo deixado no espirito de todos as melhores impressões.

Porém, á hora a que escrevemos ainda não estão encerradas por completo as festas. E á esta hora, é de presumir até que se esteja procedendo tambem á bênção e inauguração das capellas dos srs. Joaquim Paiva e Antonio Paiva, na quinta do *Ribeiro Travesso e Cabeço do Pião*, a que no numero seguinte nos havemos de referir demoradamente por isso que nos falta agora o espaço, festas estas que devido ao mau tempo tiveram que ser adiadas para agora:

NOTAS

Não podemos deixar no esquecimento os nomes dos cavalheiros que mais directamente tomaram parte e gerencia nas obras de restauração da igreja. Os individuos por quem ficou composta a commissão nomeada em 1898, foram os srs. Dr. Manuel Pereira Baeta e Vasconcellos, José Manoel Godinho, Joaquim d'Araujo Lacerda, Antonio d'Azevedo Lopes Serra, Costodio José da Costa Guimarães, Joaquim Fernandes Lopes e Manuel Quaresma d'Oliveira. D'estes cavalheiros são fallecidos os tres ultimos e o quarto e o quinto naviam de ha tempo pedido a sua demissão.

Todos os outros cavalheiros que contribuíram para os bons resultados dos trabalhos são os srs. Simões d'Almeida, Malhoa, Francisco Magno Adrião Lagoa, e Cassiano Soares Pinto.

O altar mór do Espirito Santo e o de Nossa Senhora do Carmo foram pintados pelo sr. Marques d'Araujo, de Castanheira de Pera, que se houve bem á altura dos seus creditos como um bom artista na sua especialidade. O altar do *Santissimo* foi dourado pelo sr. Manuel João da Silva, o de S. José e Nossa Senhora das Dorés pelo sr. Cassiano Soares Pinto o qual tambem fez a ornamentação e pintura do baptisterio, obra executada gratuitamente. Toda a ornamentação a pedra, da igreja, é obra do sr. Juho Soares Pinto.

Devido á tenacidade, trabalho e influencia do ex.^{mo} sr. Dr. Manuel de Vasconcellos, actual e respeitabilissimo administrador d'este concelho se deve a ajuda do Ministerio das Obras Publicas nos trabalhos da igreja, porquanto sem tal auxilio os donativos embora muitos não teriam chegado para a grandeza da obra executada

A igreja encontra-se vistosamente illuminada a gaz acetylene. Nas festas da igreja tomou parte a orchestra de amadores de Figueiro, executando com bastante correccão e afinamento a symphonia, *La Reine Blanche*, de Adam, *Te Deum*, de Bordesse, *Missa*, de Osternol, symphonia, *Les Plumes*, *Tantum Ergo*, de Joaquim José d'Almeida, *Missa e Salutaris*, de Carlos d'Araujo, *Les Colombes*, de Philippe José da Cruz além da *novena* a S. João Baptista, de Alvarenga.

Pela *Philarmonica Figueiroense* foram executadas nas festas que abrihantou, as seguintes peças de musica: *Vizella*, (passo dobrado), pelo Bispo de Beja, *Maria Helena*, (polka) por Philippe José da Cruz, *Pera la do Baile* (polka), *Rapsodia de cantos populares portuguezes* por Philippe Cruz, *Duo de l'Africana Tedesca* (marcha militar), *Canticos Alemtjanos* por Philippe Cruz, *Adeus a Elvas*, (passo dobrado).

E' digno de todos os elogios pelo trabalho expendido e pelo criterio artistico com que conseguiu levar a bom termo toda a parte instrumental das festas, o sr. Philippe José da Cruz, bem como pela creação e belleza das suas peças de musica que tivemos o ensejo de ouvir.

Como á hora a que o jornal deve entrar na machina ainda não devcm estar por completo terminados os festejos, para o proximo numero aguardamos o final de toda a nossa informação.

PSALMO

Pois não credes em Deus, vende-o nas flores,
Nos labios da mulher que se namora
Quando um beijo libou dos seus amores!

Eu vejo a Deus na rosa quando chora
Lagrimas ternas, lagrimas de encanto
Ao ver mais uma vez romper a aurora.

Eu vejo a Deus n'um filho que amô tanto!
Eu oiço a Deus gemer n'um seu gemido,
Eu oiço a Deus cantar se oiço o seu canto!

Tenho-o mais d'uma vez, adormecido,
Achado a suspirar meu proprio nome
No leito do meu anjo tão querido!

Sempre que a dôr ás palpebras me assome
Que apalpe o coração que a dôr me rala,
O sinto junto á dôr que me consome.

Elle soffre connosco! Elle nos falla
Pelos humidos labios do menino
Que do colho da mãe no chão resvala.

Elle é que a luz nos dá, pharol divino,
Centro dos soes, dos mundos, do universo,
Que ao halito da flor marca o destino!

Elle a face nos lambe! Elle do berco
Das aguas se se ergueu, tambem valente,
Cedro e lirió caiu, voou disperso!

Como é grande Jehovah, como é clemente!

João de Deus.

A VIRGEM SANTISSIMA

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível anciedade,
E' que eu vi o teu olhar de piedade
E mais que piedade, de tristeza!

Não era o vulgar brilho da belleza
Nem o alvôr banal da mocidade.
Era outra luz, era outra suavidade
Que até nem sei se as ha na natureza.

Um mystico soffrer, uma ventura
Só feita do perdão e da ternura
E da paz da nossa hora derradeira.

Ó visão triste, ó visão piedosa,
Fita-me assim calada, assim chorosa,
E deixa-me sonhar a vida inteira.

Anthero de Quental.

AS VIOLETAS

Vós ó mysticas violetas,
Sois tristes e arrócheadas
Como as lagrimas pisadas
Das saudades dos poetas!

Vossa petala suavissima,
Delicada, mysteriosa,
Lembra a macerada rosa
Do rosto da Mãe Santissima:

Sois terrenas e divinas,
Ingenuas e naturaes
Como os suspiros e os ais
Das romanticas meninas...

Vosso aroma intenso e basto
Tem um não sei quê de sonho
Gemeo d'um amor tristonho
N'um coração puido e gasto.

Vós sois as confidenciaes
Das queridas coisas mortas:
Que ao sahirem nossas portas
Se nos tornam immortaes!

Sois tão ducteis e tão leves,
Tão mignones e innocentes
Como os músculos dos entes
Que tiveram dias breves.

Na belleza e na tristeza,
Por irmãs, muitas amadas
De amores mortificadas,
Haveis tido com certeza!

Lagrimas innenarráveis
Quantas vós tereis bebido
No silencio indefinido
Dos tormentos incuraveis!

Quantas vezes adornais
Um *boudoir* de noiva linda:
Perpetua illusão da vinda
D'alguem que não volta mais!

Quantas vezes n'um castello
Velho, derrocado e só:
Sois, murchas a um canto, o pó
Ultimo d'um tempo bello.

Quantas vezes sobre o peito
Vos trazem os desgraçados
Como destroços sagrados
D'um sonho ha muito desfeito.

Mas eu que adoro a alegria,
A força, o sorriso e o canto,
Porque é que vos amo tanto
O' vaga melancholia?!

Newroses do coração,
Loucuras do sentimento,
Que nem sempre o pensamento
Consegue fechar na mão...

Pereira Bravo.

(Da—Revista Literaria, Scientifica e Artistica—de «O Seculo».)

CARTEIRA

Vieram assistir aos festejos e hospedaram-se em casa do sr. Elysio Nunes de Carvalho, os senhores:
Dr. José Alfonso Baeta Neves, e ex.^{ma} esposa, de Castanheira de Pera; Henrique Godinho de Meilo, e ex.^{ma} esposa, de Condeixa; Cesar de Andrade Rago, terceiranista de medicina; Antonio Coelho, agronomo; Oneil, do curso juridico; Mario Silva, idem; Albano de Seabra Rangel, aspirante da administração militar; João da Cunha Almeida, soldado cadeite de artilheria; Frederico Bethencourt Gonçalves, idem, de cavallaria 7; Motta Prego, idem, de cavallaria 9; Coelho Marques, aspirante dos caminhos de ferro.

Hospedaram-se em casa do sr. Dr. Accacio Santa Marinha, além de diversos cavalheiros e senhoras, da Certa, da familia de sua ex.^{ma} esposa, as senhoras:
Dr. José Tavares, lente do 3.^o anno de direito, e ex.^{ma} esposa e filho; Carlos de Novaes Barreiros, e esposa; e Annibal de Carvalho, da Certa.

Foi grande o numero de individuos que a convite de diversas familias d'esta villa, vieram assistir aos festejos, cujos nomes não publicamos por nos escacear o espaço.

Baptisou-se no dia 19 d'este mez, um filhinho do sr. Saul Dias Coelho, recebendo o nome de Manuel. Foi padrinho o sr. Alfredo Simões d'Almeida, e madrinha, a menina Izaura, interessante filha do sr. Manuel Simões d'Almeida, conceituado commerciante em Lisboa, tio e prima do neophyto.

Gaz acetylene

Foi installado na igreja matriz e no club d'esta villa, este magnifico systema de illuminação, de que foi encarregada a Casa = Caetano da Cruz Rocha—d: Coimbra, decerto o preferivel a todos os outros, devido ao preco economico porque fica, sendo superior ao gaz da ulha e de aquisição ao alcance de todas as bolsas.

Bem satisfeitos devem estar os cavalheiros que fazem parte da commissão da igreja e da direcção do club, por terem adoptado tal illuminação, cujo resultado é tão satisfatorio.

Fallecimento

Depois de prolongado e doloroso soffrimento, falleceu na terça feira d'esta semana, sepultando-se no dia seguinte, a esposa do sr. Antonio Rodrigues Portella, commerciante n'esta villa, e naturaes do Alvorge, do visinho concelho d'Ancião. Sentindo o seu passamento, endereçamos ao inconsolavel viuvo e filhos, os nossos sentidos pezames.

Aos agricultores

7 Polverisadores dos melhores fabricantes estrangeiros.

Reparações e accessorios para os mesmos.

Sulfato de cobre, cal e enxofre.

141—R. Ferreira Borges—143

CAETANO DA CRUZ ROCHA
COIMBRA

CARLOS LIBORIO

6 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Estabelecimento de mercearia,
Ferragens, Quinquelharias
e outros artigos

N'esta casa encontra o publico generos da melhor qualidade, pelos mais resumidos preços.

O seu proprietario encarrega-se de mandar vir quaesquer objectos que não sejam do ramo do seu estabelecimento, sendo-lhe encomendados.

Vende camas de ferro pelos preços das fabricas, ficando por um preço que nenhum outro estabelecimento faz.

Madeira de castanho

5 Em todos os tamanhos—já para edificação, já para vazilhame—tem para vender o proprietario Joaquim d'Araujo Lacerda, d'esta Villa.

POMADA contra herpes, empigens ou tinha, eczemas indolentes escrophulas em qualquer estado, tumores cancerosos e feridas antigas e as derivadas da syphilis.

Cura garantida

E' com a pomada Glycerado da formula do D.^r Curvo, de 1695, que se effectuam estas maravilhosas curas.

Deposito em Coimbra, em casa de Antonio Fernandes—Rua do Corvo. Remette-se pelo correio.

Preço 400 reis.

A LA VILLE DE PARIS

3 EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PARA FUNERAES

Deposito de corôas, fitas e letras d'esta importante fabrica do Porto. Preços os mesmos do Porto e Lisboa. Tambem se recebem encomendas para flôres artificiaes.

Pedidos a—**José Miguel Fernandes David**—Figueiró dos Vinhos.

CASA VAULTIER

2 62—CAES DO TOJO—64

LISBOA

Depositaria da casa

G. Klene,

DE

BARCELONA

Fabrica todos os artigos de borrecha, em todos os generos a feitos. Amiantor em corda e folha. Correame em couro. Balata, pello de camello, algodão e contechou. Oleos mineraes e muitos outros artigos para estabelecimentos fabris.

Album Açoriano

Grande edição de luxo

Collaboração de S. M. El-Rei D. Carlos, de S. A. o príncipe de Monaco, de todos os escriptores e artistas açorianos e de muitos dos mais eminentes de Portugal.

Director: Antonio Baptista
Gerente: A. L. Rosa d'Oliveira

Magnificas photogravuras de vistas geraes, edificios notaveis, paysagens, costumes, retratos de senhoras e homens distinctos.

Historia, descripções, lendas, contos typicos, poesia, perfis, etc. etc.

O *Album Açoriano* constará d'um elegante volume de 400 paginas, formato «Album» grande em papel «Couché», ornado com centenares de photogravuras e desenhos a côres.

Distribuição quinzenal de dois fasciculos de 8 paginas n'uma só capa, contendo nunca menos de 12 gravuras entrecaladas no texto e duas de pagina, fora vinhetas e cercaduras artisticas.

Preço—Por cada fasciculo de 8 pag. 100 ou 200 reis por 16 pag.

Completo o *Album* a empreza distribue uma formosa capa em percalina, impressa a côres, com fechos de metal, ao preço de 1\$500 reis.

Séde da Empreza—Calçada de S. Francisco, 6, rez-do chão.

Deposito—Livraria Central de Gomes de Carvalho—158,—Rua da Prata,—175 Lisboa. A' venda em todas as livrarias e na Galeria Monaco, so primeiros fasciculos.

Os Dramas da Côte

(Chronica do reinado de Luiz XV)

ROMANCE HISTORICO

DE

E. LADOUCETTE

Os amôres tragicos de Manon Lescaut com o celebre cavalleiro de Grioux, formam o entrecho d'este romance, rigorosamente historico, a que Ladoucette imprimiu um cunho de originalidade devêras encantador.

A côte de Luiz XV, com todos os seus esplendores e miserias, é descripta magistralmente pelo auctor d'*O BASTARDO DA RAINHA* nas paginas do seu novo livro, destinado

ARITHMETICA PRATICA

Esta *Arithmetica*, verdadeiramente practica, que o seu auctor escreveu de forma a poder ser estudada sem mestre, a unica que em portuguez segue tal orientação, torna-se muito util aos membros das classes **telegrapho-postal, commercial** e a todos que pretendam adquirir tão uteis conhecimentos, e bem assim aos alumnos de quaesquer escolas.

Podem desde já satisfazer-se quaesquer assignaturas a fasciculos de 32 paginas, semanal ou quinzenalmente, conforme a indicação dos assignantes.

Está já impresso o 6.º fasciculo e em breve o estará toda a obra para enviar-se d'uma só vez, a quem a requisite.

São já bastante avultadas as encômmendas d'este livro, para diversos collegios da capital, cujos directores teem d'ella conhecimento.

O seu preço não excederá a 1\$300 reis e a assignatura a fasciculos de 32 paginas (formato 14×22), typo miude, é de 100 reis.

Os individuos que angariarem mais de 2 assignaturas, teem a comissão de 25 por ceto.

Os pedidos podem desde já ser feitos ao editor—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR—**Figueiró dos Vinhos**, seja ao seu auctor, em Lisboa, rua da Boa Vista, n.º 120—2.º andar.

sem duvida a alcançar entre nós exito igual áquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanaes de 16 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de pagina, e constará apenas de 2 volumes.

20 reis o fasciculo

100 reis o tomo

2 VALIOSOS BRIDES

a todos os assignantes

Pedidos á—

Bibliotheca Popular

(Empreza Editora)

Rua da Rosa, 162—LISBOA

BIBLIOTHECA INFANTIL

PARA AS CRIANÇAS

Collecção de contos publicados sob a direcção da illustre escriptora

D. ANNA de Castro Osorio

Publicação em folhetos illustrados, a 60 reis

Cada 6 folhetos formam um elegante volume para o qual a Empreza distribue uma bonita capa de brocena impressa a côres.

Estão publicados 9 volumes, ou series, sendo o preço de cada, avulso, 400 reis.

A ultima serie intitula-se

AS BOAS CRIANÇAS

Os contos que contem são dignos de ser lidos por todas as creanças, pela moralidade que encerram.

Preço da assignatura:—Anno, 12 folhetos, ou 2 volumes, 680; Sem., 6 folhetos, ou 1 vol., 340 reis.

Pagamento adiantado:—As cartas para serem publicadas em folha separada da publicação devem ser endereçadas á directora para Setubal.

Os pedidos d'assignaturas, fasciculos ou volumes avulso, e seu pagamento, devem ser feitos á administração, Livraria Editora de Guimarães Libania & C.^a, rua de S. Roque, 108 e 110—Lisboa.

ABC DO POVO

PARA APRENDER A LER

por

TRINDADE COELHO

COM DESENHOS DE

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Oitenta paginas luxuosamente illustradas

Preço de cada exemplar, 50 reis
Pelo correio, 66 reis

Cartilha do Povo

Nova edição autorizada pelo auctor

Preço de cada exemplar, 20 reis
Pelo correio: 25 reis

A' venda na casa editora—*Livraria Aillaud*—Rua do Ouro, 242. 1.º—Lisboa—e em todas as livrarias.

ALFREDO GALLIS

A TABERNA

VIII da Tuberculose Social

Um volume 500 reis

Eis o titulo do VIII volume da **Tuberculose Social** e um d'aquelles em que ao mesmo tempo se condensa a tuberculose phisica e aquella que devora as raizes moraes da nossa sociedade.

A *Taberna* é a historia triste e tragica de uma familia de operarios, que, podendo ser feliz e honrada na sua pobreza, cahiu no crime e na devassidão impellida pelo alcool que perdeu o seu chefe.

Como sempre, o auctor descreve sob as côres mais verdadeiras a existencia das classes operarias em Lisboa, pondo em relevo o operario moderno, honesto e estudioso, tal qual elle deve ser para honra e lustre do seu meio.

- I—*Os Chibos*, 1 vol. 500 reis.
- II—*Os predesmnados*, 1 vol. 500.
- III—*Mulheres Perdidas*, 1 vol. 500.
- IV—*Decadentes*, 1 vol. 500.
- V—*Malucos*, 1 vol. 500.
- VI—*Os Politicos*, 1 vol. 500 reis.
- VII—*Saphicas*, 1 vol. 500 reis.

LIVRARIA CENTRA de Gomes de Carvalho, Editor. Rua da Prata, 158, 160—LISBOA.